

FATORES ASSOCIADOS AO CIBERABUSO NO NAMORO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

FACTORS ASSOCIATED WITH CYBER DATING ABUSE AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Maria Augusta Tavares Sanches¹, Genta Kulari²

PSIQUE • E-ISSN 2183-4806 • VOLUME XIX • ISSUE FASCÍCULO 1
1ST JANUARY JANEIRO - 30TH JUNE JUNHO 2025 • PP. 19-33

DOI: <https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXI.1.2>

Submitted on 23/12/2024 Submetido a 23/12/2024

Accepted on 04/04/2025 Aceite a 04/04/2025

Resumo

Contexto: O ciberabuso no namoro tem-se tornado um problema significativo entre estudantes universitários, despertando o interesse de investigadores. **Objetivos:** O objetivo deste estudo foi analisar o efeito mediador das quatro dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta da vítima/perpetrador e controlo da vítima/perpetrador) na relação entre o estilo de vinculação preocupado e os sintomas de depressão, entre estudantes universitários portugueses. **Método:** O presente estudo seguiu um desenho transversal, composto por 302 participantes com idade média de 23.2 anos. **Resultados:** Os resultados deste estudo mostraram que as mulheres apresentaram níveis mais elevados de sintomas de depressão por comparação aos homens. Em relação às dimensões de ciberabuso, os homens apresentaram níveis significativamente mais elevados de vitimização de ciberabuso por controlo. Os resultados demonstraram que as quatro dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta da vítima/perpetrador e controlo da vítima/perpetrador) desempenharam um papel mediador significativo na relação entre o estilo de vinculação preocupante e os sintomas de depressão. **Conclusões:** Considerando a literatura atual sobre ciberabuso no namoro, este estudo pode aumentar o nosso conhecimento deste complexo fenómeno num novo contexto, promovendo estratégias de proteção e apoio às suas vítimas.

Palavras-Chave: Ciberabuso no Namoro, vinculação preocupado, sintomas de depressão, estudantes universitários.

1 Mestrado em Psicologia Clínica e de Aconselhamento, Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. E-mail: maria.12.sanches@gmail.com

2 Professora Auxiliar e Investigadora Integrada no Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Lisboa, Portugal. E-mail: gkulari@autonoma.pt ORCID: 0000-0003-4774-4632

Abstract

Background: Increasingly, cyber dating abuse has become a predominant problem among university students and has yielded interest among researchers. **Objectives:** We aimed to analyse the mediating effect of cyber dating abuse dimensions (direct aggression victim/perpetrator, control victim/perpetrator) in the relationship between preoccupied attachment style and depressive symptoms among portuguese university students. **Method:** The present study followed a cross-sectional design composed of 302 Portuguese university students attending university with mean age of 23.2 years old. **Results:** The findings of this study showed that women presented higher levels of depressive symptoms. Regarding cyber abuse dimensions, men showed significantly higher levels of victim control when compared to women. Furthermore, results indicated that the four dimensions of cyber dating abuse (victim and perpetrator aggression and victim and perpetrator control) played a significant mediating role in the relationship between preoccupied attachment style and depressive symptoms. **Conclusions:** Considering the current literature on cyber dating abuse, this study can be useful to provide a better understanding of this opaque phenomenon while leading to reflection on intervention programs to assist victims.

KEYWORDS: Cyber Dating Abuse, preoccupied attachment, depressive symptoms, university students.

Introdução

O espaço digital tornou-se um contexto particularmente apelativo para o estabelecimento de novos relacionamentos amorosos (Caridade et al., 2019). No entanto, apesar das suas implicações positivas na facilitação do processo de socialização, os efeitos negativos emergem com frequência na utilização quotidiana (Marcum et al., 2018). Uma possível explicação para estes efeitos negativos é a ausência de inibições nos contextos online, resultante do anonimato e da falta de limites (Van Baak et al., 2023). Um dos problemas crescentes entre os jovens adultos é o ciberabuso no namoro (Vakhitova et al., 2022). O ciberabuso no namoro constitui uma forma de vitimização através do uso de tecnologia, caracterizando-se por comportamentos de controlo e assédio exercidos pelo parceiro romântico (Zweig et al., 2014). Estes comportamentos incluem controlo e vigilância diários por parte do parceiro ou ex-parceiro, publicação de comentários ofensivos ou humilhantes, envio de e-mails ou mensagens com ameaças, e partilha de fotografias sem consentimento (Phillips & Klest, 2024). A utilização de plataformas online por jovens adultos em Portugal tem sido pouco estudada, embora Amaral et al. (2023) tenham identificado que 90% dos jovens adultos utilizam essas plataformas diariamente, sendo que 1 em cada 3 já as utilizou para fins de namoro (Amaral et al., 2022). O fenómeno do ciberabuso no namoro pode apresentar uma prevalência bastante diversa. Uma revisão sistemática recente da literatura, que incluiu 16 estudos com um total de 14.235 participantes, revelou que 47% foram vítimas de ciberabuso no namoro e, destes, 63% foram vítimas de comportamentos de controlo (Martínez-Soto e Ibabe, 2024). Além disso, Caridade et al. (2019), numa revisão sistemática de 40 estudos, incluindo resultados de Portugal, encontraram que a prevalência do ciberabuso no namoro varia entre 8,1% e 93,7% no que respeita à perpetração, e entre 5,8% e 92% no que diz respeito à vitimização. Considerando o crescimento acelerado destas plataformas, torna-se imperativo sensibilizar para os

efeitos negativos do ciberabuso no namoro e compreender os fatores que podem atenuar estes impactos.

A literatura tem demonstrado que o ciberabuso no namoro pode ter consequências fisiológicas e psicológicas, incluindo impactos negativos na saúde mental, como sintomatologia depressiva (Hinduja & Patchin, 2021), sentimentos de raiva e hostilidade (Zweig et al., 2014), e até risco de suicídio (Lu et al., 2021). Por exemplo, Dardis et al. (2019) verificaram que o contacto excessivo por meio de ciberabuso no namoro foi o preditor mais robusto de depressão, em comparação com qualquer outra forma de violência no namoro. Sargent et al. (2016) corroboraram este resultado, indicando que as vítimas de ciberabuso no namoro, em particular, apresentavam níveis mais elevados de sintomas depressivos. Comportamentos como o envio de mensagens humilhantes e ameaçadoras por parte do parceiro, ou até a divulgação de fotografias da vítima com conteúdo humilhante para um público alargado (Van Baak et al., 2023), podem intensificar os sentimentos de impotência e desespero das vítimas. Estas, sentindo-se incapazes de evitar a agressão online, podem desenvolver sintomas depressivos (Toplu-Demirtaş et al., 2022). Recentemente, Portugal foi classificado como o segundo país da Europa com a maior taxa de depressão, estimando-se que 16,5% da população portuguesa sofra de sintomas depressivos, afetando particularmente os estudantes universitários entre os 18 e os 34 anos (Moreira de Sousa et al., 2018). No entanto, apesar do crescente interesse em estudar a prevalência do ciberabuso no namoro no contexto português, existe uma escassez de estudos que analisam se a presença de ciberabuso no namoro está relacionada com sintomas de depressão entre os estudantes universitários. Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender se as vítimas ou os perpetradores de ciberabuso no namoro apresentam maior propensão para manifestar sintomas depressivos.

Diferentes culturas e contextos sociais apresentam concepções distintas sobre as formas aceitáveis de estabelecer relacionamentos (Hoenicka et al., 2022). Por exemplo, as culturas do Mediterrâneo Ocidental, incluindo Portugal, caracterizam-se, em grande medida, por serem sociedades tendencialmente coletivistas, onde a ligação com a figura parental desempenha um papel essencial na vida adulta (Hoenicka et al., 2022). Com base nas observações iniciais de Bowlby (1973) e Ainsworth (1978), é amplamente aceite que os indivíduos desenvolvem estilos de vinculação relativamente estáveis a partir das interações com os cuidadores na infância, os quais se prolongam nos relacionamentos românticos na vida adulta (Lancaster et al., 2020). Estudos com populações não clínicas em diferentes culturas revelaram que cerca de 60% das pessoas relatam possuir um estilo de vinculação seguro (Schmitt, 2008). Assim, indivíduos com vinculação segura tendem a apresentar baixos níveis de ansiedade, bem como melhor saúde mental e funcionamento social (Lancaster et al., 2020).

As culturas mediterrânicas, no entanto, revelam uma prevalência mais elevada de estilo de vinculação preocupado (Pace et al., 2016; Tereno et al., 2008), que é associado, com maior frequência, à manifestação de sintomas depressivos (Mikulincer & Shaver, 2007). Além disso, estes estilos de vinculação têm sido repetidamente associados à agressividade nas relações íntimas (Bookwala, 2002; Henderson et al., 2005). Em particular, o estilo de vinculação preocupado tem sido associado ao ciberabuso no namoro (Weisskirch & Delevi, 2011), bem como à prática de perseguição online (*cyberstalking*) (Strawhun et al., 2013). Tendo em conta a escassez de evidência empírica sobre o ciberabuso no namoro e, consequentemente, sobre a sua relação com o estilo de vinculação preocupada e a sintomas depressivos, a presente investigação propõe um modelo que analisa o efeito indireto do ciberabuso no namoro entre as variáveis acima mencionadas. Além

disso, este é o primeiro estudo a introduzir estas variáveis de forma simultânea, analisando o efeito do ciberabuso no namoro entre estudantes universitários portugueses.

O presente estudo

O objetivo do presente estudo foi investigar a relação simultânea entre as dimensões do ciberabuso no namoro, o estilo de vinculação preocupado, e os sintomas depressivos em estudantes universitários portugueses. Adicionalmente, o estudo propôs um modelo que analisa o efeito indireto do ciberabuso no namoro, tanto para vítimas como para perpetradores, na relação entre os estilos de vinculação preocupado e os sintomas depressivos, conforme ilustrado na Figura 1. Para tal, o estudo formulou as seguintes hipóteses:

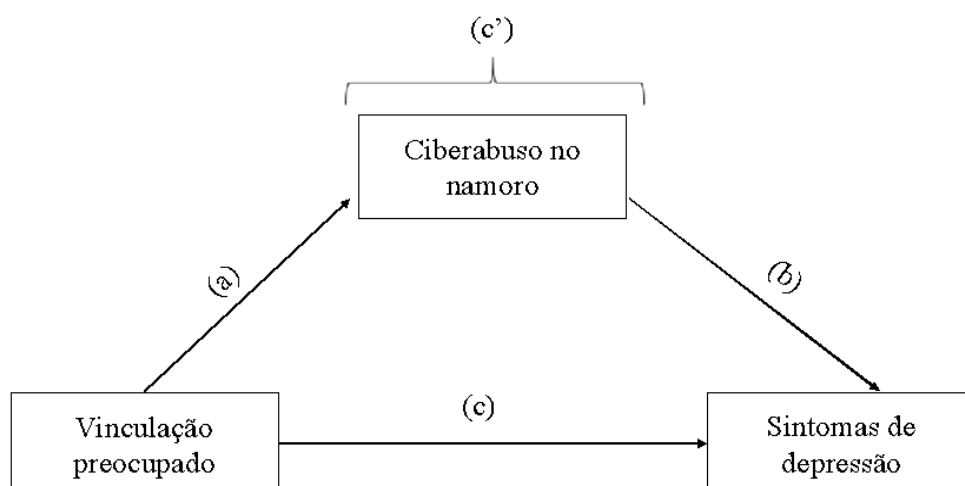
H1: As dimensões de ciberabuso no namoro apresentam uma correlação positiva com sintomas de depressão e vinculação preocupado entre estudantes universitários portugueses.

H2: Existem diferenças estatisticamente significativa entre homens e mulheres na manifestação de ciberabuso no namoro, sintomas de depressão e vinculação preocupada entre estudantes universitários portugueses.

H3: As dimensões de ciberabuso no namoro (agressão direta vitima/perpetrador e controlo vitima/perpetrador) têm um efeito mediador na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão entre estudantes universitários portugueses.

FIGURA 1

Modelo do estudo



Método

Participantes e procedimento

Estudos estimam que entre 12% e 90% dos adolescentes e jovens adultos são vítimas de Ciberabuso no Namoro (Caridade & Braga, 2020; Caridade et al., 2019). Dadas as elevadas taxas de prevalência e as graves repercussões no bem-estar, torna-se fundamental investigar os fatores que contribuem para esses comportamentos. O presente estudo adotou um delineamento transversal e contou com a participação de 302 jovens adultos estudantes universitários portugueses, recrutados online entre maio de 2022 e maio de 2023. Após a aprovação da comissão de ética da Universidade Autónoma de Lisboa, o questionário foi distribuído online por meio das redes sociais. Todos os questionários foram anônimos e continham um link direto para o termo de consentimento informado. Nenhum questionário foi recolhido sem o consentimento prévio dos participantes. Todos os direitos de privacidade foram rigorosamente respeitados.

Os critérios de inclusão contemplaram estudantes universitários com idades entre 18 e 35 anos que estivessem num relacionamento amoroso há, pelo menos, seis meses. Os participantes responderam a um questionário com duração aproximada de 15 minutos, composto por duas seções. A primeira incluía três instrumentos (Questionário de Ciberabuso no Namoro, Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse, e Questionário de Estilo de Relacionamento). A segunda seção reunia dados sociodemográficos, como idade, sexo nacionalidade, tempo diário de uso da internet. A amostra consiste em 244 mulheres (80,8%) e 58 homens (19,2%), com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23,2$; $DP = 2,513$). Foi encontrada uma média de 5,9 horas por dia passadas online ($DP = 3,706$). Os dados sociodemográficos se encontram apresentados na Tabela 1.

TABELA 1

Descrição dos fatores sociodemográficos

Itens	M	DP
Idade	23.2	2.513
Tempo online (Horas)	15.89	3.706
Género	N	%
Mulher	244	80.8
Homem	58	19.2
Nacionalidade		
Portugal	238	78.8
Cabo Verde	28	9.3
Brasil	19	6.3
Angola	11	3.6
Outros	6	2
Uso de Internet		
Redes Sociais	213	70.5
Chat	29	9.6
Youtube	27	8.9
Pesquisas	23	7.6
Outro	10	3.3

Instrumentos

Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN; Caridade & Braga, 2020). O CibAN pretende avaliar o ciberabuso ocorrido no âmbito das relações de namoro, investigando-se a reciprocidade do mesmo (em termos de vitimização e perpetração). Trata-se de uma medida de autorrelato constituída por 40 itens sendo que 20 itens se destinam a avaliar o indicador de vitimização (“O/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a já escreveu um comentário numa rede social para me insultar ou humilhar.”) e outros 20 possibilitam estimar o indicador de perpetração (“Eu já escrevi um comentário numa rede social para insultar ou humilhar o/a meu/minha parceiro/a ou ex-parceiro/a.”). O sistema de resposta aos 20 itens é realizado com recurso a uma escala de tipo Likert de 6 pontos (1 = “Nunca” e 6 = “Muitas vezes; mais de 20 vezes”). Os fatores que integram o instrumento revelaram possuir boa fiabilidade, nos fatores de vitimização, na agressão direta obteve-se um alfa de Cronbach de .86 e o controlo de perpetração apresentou uma consistência interna de .91. Relativamente à perpetração, obtiveram-se alfa de Cronbach de .89 e .84 no fator agressão direta da vítima.

O Questionário de Estilo de Relacionamento (RSQ; Griffin e Bartholomew, 1994) é composto por 30 afirmações curtas, avaliadas numa escala de Likert de 5 pontos, que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os itens 6, 9 e 28 têm pontuação invertida. Esses itens agrupam-se em estilos de vinculação seguro, amedrontado, preocupado e desinvestido, compostos por quatro itens, cujas pontuações são obtidas por meio da média das respostas de cada dimensão. A versão portuguesa do questionário foi traduzida e validada por Cardoso (2012). Para o presente estudo, será avaliado apenas o estilo de vinculação preocupado. A escala utilizada neste estudo apresentou um bom coeficiente de confiabilidade para dimensão de vinculação preocupada .801.

Os sintomas depressivos foram avaliados por meio da Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS-21; Lovibond e Lovibond, 1995). A escala é composta por 21 itens que medem os sintomas de depressão, ansiedade e estresse vivenciados na última semana. Os participantes avaliam os itens em uma escala de Likert de 4 pontos, que varia de 1 (não se aplicou a mim de forma alguma) a 4 (aplicou-se muito a mim, ou na maior parte do tempo). A escala apresenta bons coeficientes de confiabilidade para cada uma das dimensões: .94 (escala de depressão), .87 (escala de ansiedade) e .81 (escala de estresse). Cada dimensão é composta por 7 itens. No presente estudo, será utilizada apenas a dimensão dos sintomas depressivos, que apresentou um alfa de Cronbach de .927. O instrumento foi traduzido e validado para o português por Pais-Ribeiro et al. (2004).

Análise Estatística

A análise estatística foi realizada com recurso ao Programa *Statistical Package for Social Sciences for Windows* (IBM-SPSS versão 29). Foi realizada uma análise de correlação para examinar a associação entre sintomas depressivos, estilo de vinculação preocupada e comportamentos de ciberabuso no namoro. De modo a se proceder à diferença estatisticamente significativa entre o género e as variáveis do estudo, aplicou-se o teste Mann-Whitney uma vez que o teste de normalidade Kolmogoriv-Smirnov demonstrou que os dados não seguem uma distribuição normal ($p < .05$). E por fim para a mediação das dimensões do ciberabuso no namoro na relação entre os estilos de vinculação e sintomas de depressão foi utilizado o PROCESS (modelo 4) (Hayes, 2022).

Resultados

A análise de correlação da amostra está apresentada na Tabela 2. Os sintomas depressivos mostraram correlações positivas com as dimensões do ciberabuso no namoro em respetivamente: vitimização por agressão direta ($r = .314$, $p < 0,01$), vitimização por controle ($r = .299$, $p < 0,01$), perpetração por agressão direta ($r = .220$, $p < 0,01$) e perpetração por controle ($r = .227$, $p < 0,01$). Esses resultados indicam que os comportamentos de ciberabuso no namoro estão significativamente correlacionados com os sintomas depressivos. Além disso, a depressão apresentou correlação positiva com o estilo de vinculação preocupado ($r = .332$, $p < 0,01$). Os resultados também revelaram que todas as dimensões do ciberabuso no namoro apresentaram correlação significativa com o estilo de vinculação preocupado.

TABELA 2

Correlação entre o estilo de vinculação preocupada, as dimensões do ciberabuso e sintomas de depressão

Variáveis	1	2	3	4	5
Sintomas de Depressão	-	-	-	-	-
Agressão Direta da Vítima	.314**	-	-	-	-
Agressão Direta do Perpetrador	.220**	.593**	-	-	-
Controlo da Vítima	.299**	.674**	.564**	-	-
Controlo do Perpetrador	.227**	.332**	.511**	.596**	-
Vinculação Preocupado	.332**	.163**	.142*	.225**	.386**

* $p < .05$, ** $p < .01$

A Tabela 3 apresenta as diferenças estatisticamente significativas entre o género e as variáveis do estudo. Os resultados revelaram que as mulheres apresentaram níveis estatisticamente significados mais elevados de perceção de sintomas de depressão ($M=157.42$, $p=.015$, $U=5631$). Na escala do ciberabuso no namoro, homens apresentaram níveis estatisticamente mais elevados de vitimização por controlo ($M=146.59$, $p = .039$, $U=5878.5$). Não foi encontrada uma diferença significativa entre homens e mulheres no estilo de vinculação preocupado.

TABELA 3

Diferenças entre homens e mulheres na percepção de sintomas de depressão, dimensões de ciberabuso no namoro e estilo de vinculação preocupado

Variáveis	M	M	U	P
	Mulher	Homens		
Sintomas de Depressão	157.42	126.59	5631	.015
Ciberabuso no Namoro	Mulher	Homens		
Agressão Direta - Vítima	150.40	156.13	6807.5	.581
Agressão Direta - Perpetrador	149.90	158.22	6686	.446
Controlo - Vítima	146.59	172.15	5878.5	.039
Controlo - Perpetrador	153.51	143.03	6585	.397
Estilo de vinculação	Mulher	Homens		
Vinculação Preocupado	155.24	135.78	6164	.125

Análise da Mediação

Os resultados apresentados na tabela 4 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta da vítima ($\beta = .3213$, $p < .001$). A vinculação preocupante explica 3% da variância de agressão direta da vítima ($F_{(1,300)} = 8.1421$, $p < .001$, $R^2 = .026$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta da vítima na depressão ($\beta = .3040$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6496$, $p < .001$). Assim, a agressão direta da vítima e a vinculação preocupada explicam 18% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 32.8459$, $p < .001$, $R^2 = .180$). O efeito indireto direto da vinculação preocupado na depressão através da agressão da vítima foi significativo [$b = .0962$, (.0210, .1849)].

TABELA 4

Mediação da agressão direta da vítima na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão.

Variáveis	Coefficiente não-estandardizado			p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t		LL	UL
Vinculação P → Agressão Direta - Vítima (a)	.3213	.1126	2.8534	.005	.0997	.5428
Agressão Vítima → Depressão (b)	.3040	.0603	5.0372	<.0001	.1852	.4227
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6496	.1193	5.4465	<.0001	.4149	.8843
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Agressão Vítima → Depressão (c')		.0962	.0420		.0210	.1849

Os resultados na tabela 5 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com a agressão direta do perpetrador ($\beta = .1587$, $p < .001$). A vinculação preocupada explica 2% da variância da agressão direta do perpetrador ($F_{(1,300)} = 6.1822$, $p < .001$, $R^2 = .020$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo da agressão direta do perpetrador na depressão ($\beta = .3552$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6909$, $p < .001$). Assim, a agressão direta do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 24.5530$, $p < .001$, $R^2 = .141$). O efeito indireto direto da vinculação preocupado na depressão através da agressão do perpetrador foi significativo [$b = .0134$, $(.0265, .0467)$].

TABELA 5

Mediação da agressão direta do perpetrador na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado			p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t		LL	UL
Vinculação P → Agressão Direta - Perpetrador (a)	.1587	.0638	2.4864	.013	.0331	.2842
Agressão Perpetrador → Depressão (b)	.3552	.1090	3.2590	.001	.1407	.5696
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6909	.1217	5.6776	<.0001	.4514	.9304
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Agressão Perpetrador → Depressão (c')		.0134	.0175		.0265	.0467

Os resultados na tabela 6 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo da vítima ($\beta = .7642$, $p < .001$). A vinculação preocupante explica 5% da variância do controlo da vítima ($F_{(1,300)} = 15.9294$, $p < .001$, $R^2 = .050$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo da vítima na depressão ($\beta = .1562$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6279$, $p < .001$). Assim, o controlo da vítima e a vinculação preocupada explicam 16% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 29.2619$, $p < .001$, $R^2 = .164$). O efeito indireto direto da vinculação preocupado na depressão através do controlo da vítima foi significativo [$b = .0963$, $(.0256, .1957)$].

TABELA 6

Mediação do controlo da vítima na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado			p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE	t		LL	UL
Vinculação P → Controlo Vítima (a)	.7642	.1915	3.9912	<.0001	.3874	1.1410
Controlo Vítima → Depressão (b)	.1562	.0358	4.3586	<.0001	.0857	.2267
Vinculação Preocupado → Depressão (c)	.6279	.1220	5.1477	<.0001	.3878	.8679
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação → Controlo Vítima → Depressão (c')		.0963	.0443		.0256	.1957

Os resultados na tabela 7 indicam que a vinculação preocupada tem um relacionamento estatisticamente significativo com o controlo do perpetrador ($\beta = .4563$, $p < .001$). A vinculação preocupante explica 4% da variância do controlo do perpetrador ($F_{(1,300)} = 13.3019$, $p < .001$, $R^2 = .043$). Os resultados indicaram um efeito positivo estatisticamente significativo do controlo do perpetrador na depressão ($\beta = .1682$, $p < .001$) e um efeito positivo estatisticamente significativo da vinculação preocupada na depressão ($\beta = .6705$, $p < .001$). Assim, o controlo do perpetrador e a vinculação preocupada explicam 14% da variância da depressão ($F_{(2,299)} = 23.7047$, $p < .001$, $R^2 = .137$). O efeito indireto direto da vinculação preocupado na depressão através do controlo da vítima foi significativo [$b = .0560$, $(.0126, .1119)$].

TABELA 7

Mediação do controlo do perpetrador na relação entre vinculação preocupado e sintomas de depressão.

Variáveis	Coeficiente não-estandardizado		t	p	95% Bootstrapping CI	
	β	SE			LL	UL
Vinculação P® Controlo Perpetrador (a)	.4563	.1251	3.6472	.0003	.2101	.7025
Controlo Perpetrador ® Depressão (b)	.1682	.0557	3.0186	.0028	.0585	.2779
Vinculação Preocupado ® Depressão (c)	.6705	.1234	5.4337	<.0001	.4277	.9133
Efeito Indireto		Efeito	SE		LLCI	ULCI
Vinculação ® Controlo Perpetrador ® Depressão (c')		.0560	.0257		.0126	.1119

Discussão

O modelo deste estudo teve como objetivo investigar a relação entre as dimensões do ciberabuso no namoro tanto ao nível da vitimização como da perpetração, o estilo de vinculação preocupado, e os sintomas depressivos entre estudantes universitários portugueses. Além disso o estudo examinou o papel das dimensões do ciberabuso no namoro – vitimização e perpetração – como mediadoras da relação entre as variáveis mencionadas.

O presente estudo revelou que os sintomas depressivos apresentaram uma correlação significativa com comportamentos de ciberabuso no namoro, tanto na condição de vítima como de perpetrador, corroborando os resultados de Toplu-Demirtaş et al. (2022) e Lancaster et al. (2020). Em particular, a vitimização por ciberabuso no namoro está associada a uma probabilidade três a cinco vezes superior de manifestar sintomas depressivos (Lancaster et al., 2020). Villora et al., (2021) demonstraram que as características únicas do ciberabuso no namoro têm um potencial mais elevado de causar sintomas depressivos do que as formas tradicionais de vitimização, sobretudo quando se considera a facilidade e rapidez das tecnologias, o acesso a uma audiência alargada e a impossibilidade de o agressor observar a reação imediata da vítima. No entanto, a perceção do dano e a experiência subjetiva do ciberabuso no namoro podem ser condicionadas pela natureza indireta deste tipo de abuso e pelo papel atenuado dos comportamentos românticos promovidos pelos media e pelas normas sociais (Van Ouytsel et al., 2020). Adicionalmente, os jovens adultos tendem a encarar estes comportamentos como desagradáveis, mas não abusivos

(Van Ouytsel et al., 2020). Tal torna-se preocupante, sobretudo quando os jovens não têm consciência de estar a entrar numa relação ameaçadora e controladora.

O estudo revelou que o sexo feminino apresentou níveis estatisticamente mais elevados de sintomas de depressão em comparação ao sexo masculino, resultados estes que corroboram investigações anteriores (Moccia et al., 2020; Park et al., 2020). Relativamente às dimensões do ciberabuso, os homens apresentaram maior sentimentos de controlo como vítimas de ciberabuso no namoro. Na literatura, não existe ainda consenso em relação a esta variável: alguns estudos verificam resultados semelhantes entre o sexo feminino e o masculino (Borrajó et al., 2015; Peskin et al., 2017; Villora et al., 2019), outros identificam uma maior vitimização por parte do sexo feminino (Peterson & Densley, 2017; Zweig et al., 2013). Independentemente disso, tanto homens como mulheres poderão já ter experienciado comportamentos ciberabusivos como vítimas ou como perpetradores nos seus relacionamentos íntimos.

Por fim, as dimensões do ciberabuso no namoro desempenharam um papel mediador significativo na relação entre o estilo de vinculação preocupado e os sintomas depressivos. Tal como explicado por Caridade et al., (2019), o ciberabuso no namoro pode manifestar-se sob a forma de agressão direta ou de controlo, tanto por parte das vítimas como dos perpetradores. Devido à ausência de interação presencial, os perpetradores conseguem controlar as suas vítimas independentemente de barreiras geográficas, monitorizando constantemente os seus movimentos (Zweig et al., 2014). Estes comportamentos têm um forte impacto nas vítimas, gerando sentimentos de impotência e contribuindo para o desenvolvimento de sintomas depressivos. O ciberabuso no namoro apresenta um pico preocupante de ocorrência entre os 18 e os 25 anos, período que coincide com a entrada para a universidade (Johnson et al., 2014).

Os indivíduos com estilo de vinculação preocupada tendem a recorrer às tecnologias como forma de obter confirmação e maior envolvimento por parte dos seus parceiros. Esta busca constante por validação, associada ao ciberabuso, pode levar a um aumento de sintomas depressivos. Por outras palavras, estes resultados sustentam o papel mediador significativo do ciberabuso no namoro. Além disso, estes resultados sustentam a noção de risco cumulativo e de exposição acrescida entre os estudantes universitários portugueses a múltiplos tipos de ciberabuso no namoro e, consequentemente, a sintomas depressivos. Assim, considerando o papel que as tecnologias podem desempenhar no controlo e ameaça a um parceiro, é fundamental que os profissionais de saúde mental estejam preparados para apoiar vítimas de ciberabuso no namoro, e que os especialistas em tecnologia desenvolvam ferramentas que promovam uma utilização mais segura e protegida das plataformas digitais.

Limitações e futuros estudos

Existem algumas limitações que devem ser consideradas ao interpretar estes resultados. Em primeiro lugar, o desenho transversal do estudo implica que se deve ter cautela na interpretação das relações causais entre as variáveis. Assim, a implementação de estudos longitudinais poderá permitir uma delimitação mais rigorosa das relações causais. Em segundo lugar, as escalas de autorrelato podem estar enviesadas por desejabilidade social, bem como pelas interpretações subjetivas dos participantes sobre o significado dos itens. A utilização de uma abordagem longitudinal poderá enviesar estas limitações em investigações futuras. Em terceiro lugar,

os participantes do presente estudo constituíram uma amostra de conveniência, o que limita a generalização dos resultados a outros grupos sociodemográficos. Estudos futuros poderão recorrer a métodos de amostragem alternativos de modo a reduzir possíveis enviesamentos e replicar estas variáveis noutras populações, como adolescentes, indivíduos de diferentes nacionalidades, entre outros. Em quarto lugar, investigações futuras poderão também alargar o presente estudo considerando outros fatores relevantes, como o género, diferenças etárias e o contexto cultural, no desenvolvimento de um modelo mais abrangente que integre diferentes perspetivas teóricas.

Conclusão

O ciberabuso no namoro tem despertado o interesse de diversos investigadores devido às implicações negativas que apresenta na vida dos estudantes universitários a nível pessoal quanto social. Os estudos realizados a esta nova forma de agressão visam a uma melhor compreensão sobre este recente fenómeno, para que se possam delinear medidas de intervenção e promoção eficazes, de modo que esta nova forma de agressão entre jovens adultos não seja cada vez mais normalizada. Neste sentido, este estudo apresenta um pequeno contributo nessa compreensão e conhecer novos fatores associados a violência através da tecnologia.

Referências

- Ainsworth, M. D. (1978). The Bowlby-Ainsworth Attachment Theory. *Behavioral and Brain Sciences*, 1(3), 436–38. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00075828>
- Amaral, I., Antunes, E., & Flores, A. M. M. (2023). How do Portuguese young adults engage and use m-apps in daily life? An Online Questionnaire Survey. *Observatorio (OBS*)* 17(2), 245–63. <https://doi.org/10.15847/obsOBS17220232141>
- Amaral, I., Flores, A. M. M., & Antunes, E. (2022). Desafiando imaginários: Práticas mediadas de jovens adultos em aplicações móveis [Challenging imaginaries: Young adults' mediated practices in mobile applications. *Media & Jornalismo* 22(41), 141–60. https://doi.org/10.14195/2183-5462_41_8
- Bookwala, J. (2002). The role of own and perceived partner attachment in relationship aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(1), 84–100. <https://doi.org/10.1177/0886260502017001006>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116(2), 565–585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Volume II: Separation, Anxiety and Anger*. London: The Hogarth press and the institute of psycho-analysis.
- Cardoso, C. E. L. M. (2012). *Vinculação e reconhecimento emocional*. Master Dissertation, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. <http://hdl.handle.net/10400.12/3319>
- Caridade, S. M. M., & Braga, T. (2020). Youth Cyber Dating Abuse: A meta-analysis of risk and protective factors. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(3), Article 2. <https://doi.org/10.5817/CP2020-3-2>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 48, 152–168. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018>

- Dardis, C. M., Strauss, C. V., & Gidycz, C. A. (2019). The psychological toll of unwanted pursuit behaviors and intimate partner violence on undergraduate women: A dominance analysis. *Psychology of Violence, 9*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1037/vio0000189>
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). *Relationship Scales Questionnaire (RSQ)*, [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t10182-000>
- Henderson, A. J. Z., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence, 20*(4), 219–230. <https://doi.org/10.1007/s10896-005-5985-y>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2020). Digital Dating Abuse Among a National Sample of U.S. Youth. *Journal of Interpersonal Violence, 36*(23-24), 11088–11108. <https://doi.org/10.1177/0886260519897344>
- Hoenicka, M. A. K., López-de-la-Nieta, O., Rubio, J. L. M., Shinohara, K., Yee Neoh, M. J., Dimitriou, D., Esposito, G., & Iandolo, G. (2022). Parental bonding in retrospect and adult attachment style: A comparative study between Spanish, Italian and Japanese cultures. *PLoS ONE, 17*(12), e0278185. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0278185>
- Johnson, W. L., Giordano, P. C., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2015). The age-IPV curve: changes in the perpetration of intimate partner violence during adolescence and young adulthood. *Journal of Youth and Adolescence, 44*(3), 708–726. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0158-z>
- Lancaster, M., Seibert, G. S., Cooper, A. N., May, R. W., & Fincham, F. (2019). Relationship quality in the context of cyber dating abuse: The role of attachment. *Journal of Family Issues, 41*(6), 739–758. <https://doi.org/10.1177/0192513X19881674>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy, 33*(3), 335–343. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)00075-u](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)00075-u)
- Lu, Y., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2021). In-person and cyber dating abuse: A longitudinal investigation. *Journal of Social and Personal Relationships, 38*(12), 3713–3731. <https://doi.org/10.1177/02654075211065202>
- Marcum, C. D., Higgins, G. E., & Nicholson, J. (2018). Crossing boundaries online in romantic relationships: An exploratory study of the perceptions of impact on partners by cyberstalking offenders. *Deviant Behavior, 39*(6), 716–731. <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1304801>
- Martínez-Soto, A., & Ibabe, I. (2024). Cyber dating abuse: Conceptualization and meta-analysis of prevalence rates. *Anuario de Psicología Jurídica, 34*(1), 133–144. <https://doi.org/10.5093/apj2023a11>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in Adulthood: Structure, Dynamics, and Change*. New York: The Guilford Press.
- Moccia, L., Janiri, D., Pepe, M., Dattoli, L., Molinaro, M., De Martin, V., Chieffo, D., Janiri, L., Fiorillo, A., Sani, G., & Di Nicola, M. (2020). Affective temperament, attachment style, and the psychological impact of the COVID-19 outbreak: an early report on the Italian general population. *Brain, Behavior, and Immunity, 87*, 75–79. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.048>
- Moreira de Sousa, J., Moreira, C. A., & Telles-Correia, D. (2018). Anxiety, depression and academic performance: a study amongst Portuguese medical students versus non-medical students. *Acta Medica Portuguesa, 31*(9), 454–62. <https://doi.org/10.20344/amp.9996>
- Pace, U., Cacioppo, M., Lo Cascio, V., Guzzo, G., & Passanisi, A. (2016). Are there similar or divergent transitions to adulthood in a mediterranean context? A cross-national comparison of Italy and Spain. *Europe's Journal of Psychology, 12*(1), 153–168. <https://doi.org/10.5964/ejop.v12i1.1043>

- Pais-Ribeiro, J. L., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação Portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doença*, 5(1), 229–39.
- Park, C. L., Russell, B. S., Fendrich, M., Finkelstein-Fox, L., Hutchison, M., & Becker, J. (2020). Americans' COVID-19 Stress, Coping, and Adherence to CDC Guidelines. *Journal of General Internal Medicine*, 35(8), 2296–2303. <https://doi.org/10.1007/s11606-020-05898-9>
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., Hernandez, B., Cuccaro, P., Gabay, E. K., Thiel, M., & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(2), 358–375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Peterson, J., & Densley, J. (2017). Cyber violence: What do we know and where do we go from here? *Aggression and Violent Behavior*, 34, 193–200. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.012>
- Phillips, A. R., & Klest, B. (2022). Examining the perceived harms of digital dating abuse: a university sample. *Journal of Youth Studies*, 27(1), 111–124. <https://doi.org/10.1080/13676261.2022.2101359>
- Sargent, K. S., Krauss, A., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2016). Cyber victimization, psychological intimate partner violence, and problematic mental health outcomes among first-year college students. *Cyberpsychology, Behavior and Social networking*, 19(9), 545–550. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0115>
- Schmitt, D. P. (2008). Evolutionary perspectives on romantic attachment and culture: How ecological stressors influence dismissing orientations across genders and geographies. *Cross-Cultural Research: The Journal of Comparative Social Science*, 42(3), 220–247. <https://doi.org/10.1177/1069397108317485>
- Strawhun, J., Adams, N., & Huss, M. T. (2013). The assessment of cyberstalking: an expanded examination including social networking, attachment, jealousy, and anger in relation to violence and abuse. *Violence and Victims*, 28(4), 715–730. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.11-00145>
- Tereno, S., Soares, I., Martins, C., Celani, M., & Sampaio, D. (2008). Attachment styles, memories of parental rearing and therapeutic bond: a study with eating disordered patients, their parents and therapists. *European eating disorders review : the journal of the Eating Disorders Association*, 16(1), 49–58. <https://doi.org/10.1002/erv.801>
- Toplu-Demirtaş, E., Akcabozan-Kayabol, N. B., Araci-Iyaydin, A., & Fincham, F. D. (2022). unraveling the roles of distrust, suspicion of infidelity, and jealousy in cyber dating abuse perpetration: an attachment theory perspective. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(3-4), NP1432–NP1462. <https://doi.org/10.1177/0886260520927505>
- Vakhitova, Z. I., Alston-Knox, C. L., Reeves, E., & Mawby, R. I. (2021). Explaining victim impact from cyber abuse: an exploratory mixed methods analysis. *Deviant Behavior*, 43(10), 1153–1172. <https://doi.org/10.1080/01639625.2021.1921558>
- Van Baak, C., Maher, C. A., Protas, M. E., & Hayes, B. E. (2022). Victims and perpetrators of cyber harassment: the role of power and control and the use of techniques of neutralization. *Deviant Behavior*, 44(5), 690–707. <https://doi.org/10.1080/01639625.2022.2088317>
- Van Ouytsel, J., Ponnet, K., & Walrave, M. (2020). Cyber dating abuse: investigating digital monitoring behaviors among adolescents from a social learning perspective. *Journal of interpersonal violence*, 35(23-24), 5157–5178. <https://doi.org/10.1177/0886260517719538>
- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2019). Cyber dating abuse and masculine gender norms in a sample of male adults. *Future Internet*, 11(4), 84. <https://doi.org/10.3390/fi11040084>

- Villora, B., Yubero, S., & Navarro, R. (2021). Subjective well-being among victimized university students: Comparison between cyber dating abuse and bullying victimization. *Information Technology & People*, 34(1), 360–374. <https://doi.org/10.1108/ITP-11-2018-0535>
- Weisskirch, R. S., & Delevi, R. (2011). “Sexting” and adult romantic attachment. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 1697–1701. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.02.008>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(7), 1063–1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922>
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of youth and adolescence*, 43(8), 1306–1321. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>